

Btca MYM

Folheto AmM

1439

A S
V E R D A D E I R A S
F O N T E S
D O R I O
A M A Z O N A S

João RIBEIRO

A
G E O G R A F I A
E A S
C I V I L I Z A Ç Õ E S

Pierre GOUROU

SPVEA

COLEÇÃO ARAUJO LIMA

SEC-39592
-3735-

Adriano Menezes

PROBLEMA DE
COLONIZAÇÃO
DA AMAZÔNIA

7

SPVEA

COLEÇÃO ARAUJO LIMA

Agnello Bittencourt

NAVEGAÇÃO
DO AMAZONAS
&
PORTOS DA
AMAZÔNIA

8

SPVEA

COLEÇÃO ARAUJO LIMA

PERICLES MORAES

OS
INTÉRPRETES
DA
AMAZÔNIA

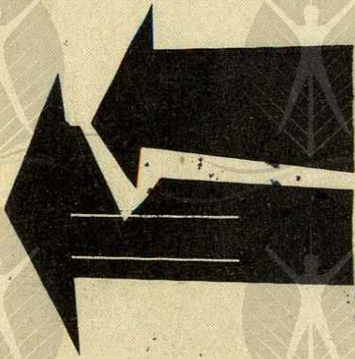
10

SPVEA

COLEÇÃO ARAUJO LIMA

JÚLIO NOGUEIRA

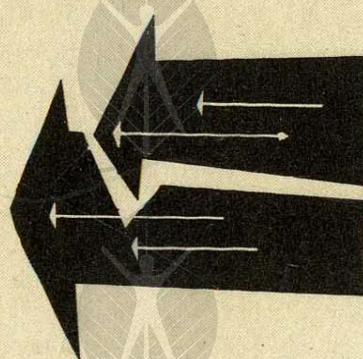
ESTRADA DE FERRO
MADEIRA-MAMORÉ



SPVEA - COLEÇÃO PEDRO TEIXEIRA

EUCIDES DA CUNHA

O RIO PURUS



SPVEA - COLEÇÃO PEDRO TEIXEIRA

ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS

ASPECTOS ECONÔMICOS
DA
DOMINAÇÃO LUSITANA
NA AMAZÔNIA



SPVEA - COLEÇÃO PEDRO TEIXEIRA

Amazônia
&
desenvolvimento

COLEÇÃO ARAUJO LIMA

WALDIR BOUHID

Aspecto
Demográfico-Social
da
Amazônia Brasileira

COLEÇÃO ARAUJO LIMA

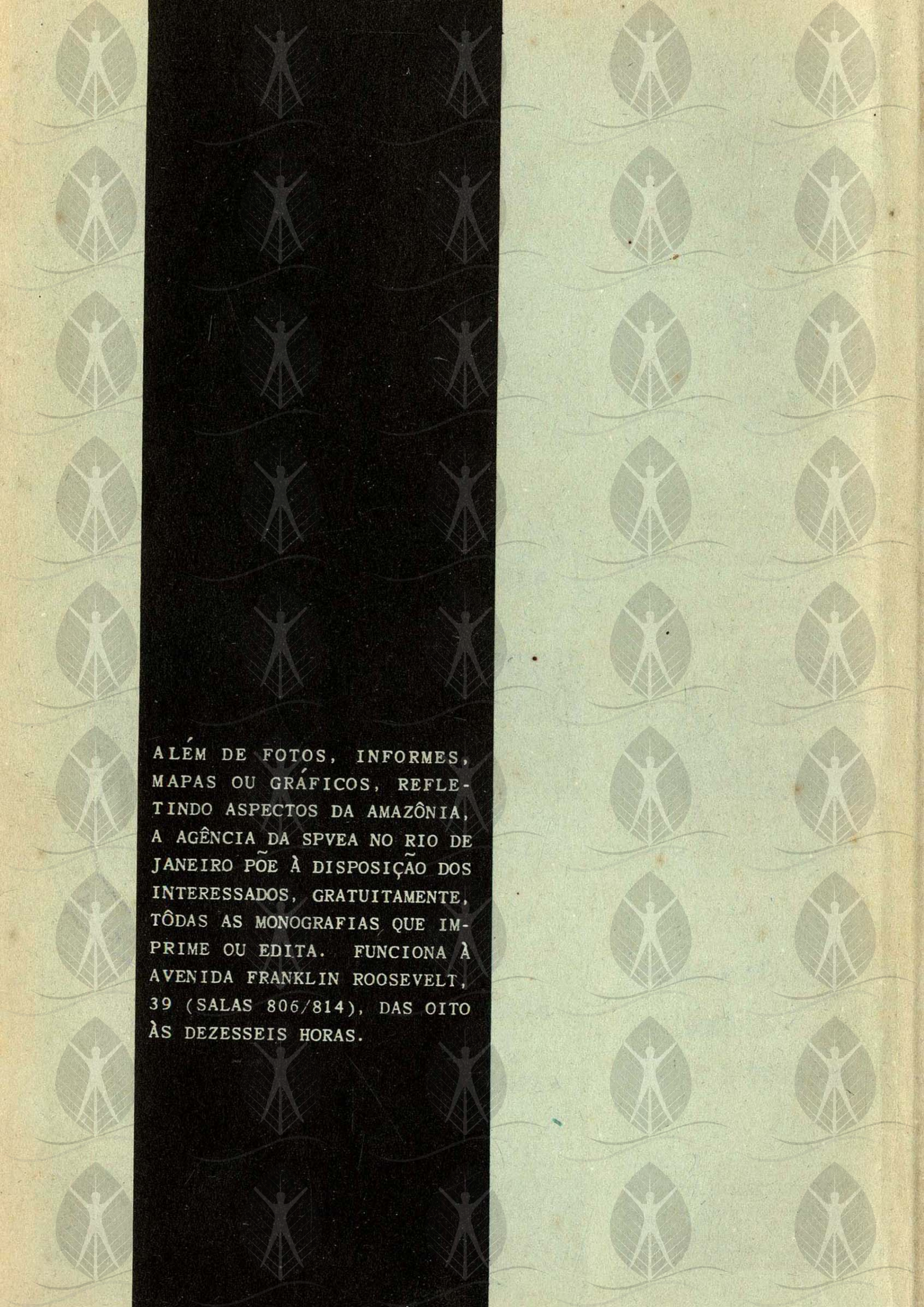
Pe. José de Souza Betencourt

AMAZÔNIA
o conceito
e a paisagem

COLEÇÃO ARAUJO LIMA

EIDORFE MOREIRA





ALÉM DE FOTOS, INFORMES,
MAPAS OU GRÁFICOS, REFLE-
TINDO ASPECTOS DA AMAZÔNIA,
A AGÊNCIA DA SPVEA NO RIO DE
JANEIRO PÕE À DISPOSIÇÃO DOS
INTERESSADOS, GRATUITAMENTE,
TÔDAS AS MONOGRAFIAS QUE IM-
PRIME OU EDITA. FUNCIONA À
AVENIDA FRANKLIN ROOSEVELT,
39 (SALAS 806/814), DAS OITO
ÀS DEZESSEIS HORAS.

PIERRE GOUROU

JOÃO RIBEIRO

a

GEOGRAFIA

E as

CAUSAS

as

VERDADEIRAS

FONTES

DO RIO

amazônicas

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO
AGÊNCIA DA SPVEA
Av. Franklin Roosevelt, 39 (S. 814)
RIO DE JANEIRO

1961

S-13

AmM
1439



DEPOIMENTO

PIERRE GOUROU, professor do Colégio de França e antigo diretor do Instituto de Pesquisas de França na Indochina. Uma das mais altas expressões no particular do estudo sobre o mundo tropical. Seu livro "Pays Tropicaux" é clássico. Discorda-se dele,

mas nem por isso deixa-se de respeitá-lo pelo muito que ensina, fruto de sua experiência no Oriente e na África. Conhecemo-lo, pessoalmente, em Lisboa, no ano de 1958, por ocasião do 3º Colloquium Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. Ele presidia o grupo de trabalho sobre a transplantação de vegetais e animais, de um continente a outro. Eu lhe fazia as vezes de secretário, sendo também o relator da tese que apresentara. Disse, na oportunidade, por escrito, o que pensava. Não lhe fiz um laudar. Procurei acompanhar-lhe o pensamento, concordando com as suas exposições e com as conclusões a que chegara. O parecer está publicado no primeiro volume das "Atas do Colloquium" e em separata. Lisboa 1960.

Logo a seguir, em outro grupo de trabalho, presidido por René Ribeiro, do Instituto Joaquim Nabuco, de Recife, tive de discordar. A tese era dele e versava sobre a Amazônia e o Congo, nos aspectos de aproximação que ofereciam. Contestei-o por entender falsas certas afirmativas que fazia sobre o processo de ocupação das duas regiões. Ouviu-me em silêncio. Julguei que se tivesse aborrecido. No dia seguinte, encontramos-nos. Veio convidar-me para uma visita à sua cátedra em Paris. GOUROU revelava-se o homem de ciência. Não se revoltara com a impetuosidade de meu pronunciamento. Recebera a crítica com a humildade de quem não se cansa de procurar a verdade, o que nem sempre é muito fácil nas ciências do homem.

mas nem por isso deixa-se de respeitá-lo pelo muito que ensina, fruto de sua experiência no Oriente e na África. Conhecemo-lo, pessoalmente, em Lisboa, no ano de 1958, por ocasião do 3º Colloquium Internacional de Estudos Sino-Brasileiros. Ele presidia o grupo de trabalho sobre a transplantação de vegetais e animais, de um continente a outro. Eu lhe fazia as vezes de secretário, sendo também o relator da tese que apresentara. Disse, na oportunidade, por escrito, o que pensava. Não lhe fiz um laudor. Procurei acompanhar-lhe o pensamento, concordando com as suas exposições e com as conclusões a que chegara. O parecer está publicado no primeiro volume das "Atas do Colloquium" e em separata. Lisboa 1960.

Logo a seguir, em outro grupo de trabalho, presidido por René Ribeiro, do Instituto Joaquim Nabuco, de Recife, tive de discordar. A tese era dele e versava sobre a Amazônia e o Congo, nos aspectos de aproximação que ofereciam. Contestei-o por entender falsas certas afirmativas que fazia sobre o processo de ocupação das duas regiões. Ouviu-me em silêncio. Julguei que se tivesse aborrecido. No dia seguinte, encontramos-nos. Veio convidar-me para uma visita à sua cátedra em Paris. GOUROU revelava-se o homem de ciência. Não se revoltara com a impetuosidade de meu pronunciamento. Recebera a crítica com a humildade de quem não se cansa de procurar a verdade, o que nem sempre é muito fácil nas ciências do homem.

A memória, que o Serviço de Documentação, sob a direção esclarecida de Clóvis Barbosa, lança, agora, é uma das muitas que ele elaborou no decorrer de sua atividade intelectual. Reflete, antes do mais, a profunda experiência que possui. Não se trata, portanto, de um artigo vulgar, para satisfazer curiosidade de leitores vulgares. Vale, antes, como um depoimento de quem viveu e pôde tirar dessa vida, a serviço de um setor cultural, lições que não desejou esconder e quis transmitir. A humanização do meio físico, tema admirável que é uma constante do mundo, nos ensinamentos do professor GOURAU, pode ser melhor entendido em extensão e em profundidade. E como se poderiam extrair magníficos exemplos aplicando ao Brasil o que nos diz nestas páginas!

ARTHUR CEZAR FERREIRA REDE

Conferência

CONSELHO NACIONAL
DE GEOGRAFIA

Rio de Janeiro
13 - 6 - 1948

REVISTA BRASILEIRA
DE GEOGRAFIA

Páginas
135 a 140

Tradutor:
João Milanez
da Cunha Lima

A GEOGRAFIA E AS CIVILIZAÇÕES

- Os princípios do método geográfico

- I - *Introdução. A natureza da geografia*
- II - *O problema das relações da geografia física com a geografia humana*
- III - *Os percalços de um determinismo simplista*
- IV - *Da prudência necessária aos geógrafos*
- V - *O possibilismo*
- VI - *A verdadeira natureza da explicação geográfica - a recorrência às civilizações*
- VII - *A civilização chinesa, civilização do vegetal*
- VIII - *Civilização e geografia humana da China*
- IX - *A ação geográfica da civilização*
- X - *Conclusão*



PIERRE GOUROU

Professor na Universidade de São Paulo

**OBSERVAÇÕES
GEOGRÁFICAS
NA AMAZÔNIA**

Separatas da
REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA
Números 2 e 3 - Ano XI e XII

O estudo das relações entre o homem e o meio físico coloca-se no centro da geografia humana. Se é a geografia, essencialmente, descrição e explicação das paisagens - e temos aqui uma definição que me parece suficientemente ampla e precisa - não pode eximir-se de estudar os elementos físicos e humanos da paisagem nem de esforçar-se por determinar as relações que se estabelecem entre um e outro. Quer a geografia seja geral, quer regional, não pode nunca perder de vista as relações entre os elementos físicos e os humanos das paisagens. Até direi que essas relações devem entrar no primeiro plano do pensamento do geógrafo. Com efeito, é no estudo das relações que se manifesta a originalidade da geografia, pois sabemos que os elementos tomados à parte constituem objeto de múltiplas ciências que se bastam a si próprias e nada têm a ver com a geografia. Precisamos dessas ciências, que nos fornecem o conhecimento dos materiais físicos e humanos que nos são indispensáveis. Todavia, nossa personalidade e nossa razão de ser residem nas relações que percebemos entre êsses materiais. Se o fabricante de tijolos, o de cimento, o caieiro, o metalúrgico, o marceneiro são necessários ao arquiteto, a êste cabe estabelecer as malhas das relações, vale dizer a estrutura, de onde se originará a casa. Do mesmo modo, uma paisagem geográfica não se forma pela justaposição de elementos diversos; deriva antes sua existência da rêde de relações que se estabelecem entre êsses ele-

mentos. Se me é permitida declaração tão ambiciosa, direi que os geógrafos somos essencialmente arquitetos, homens de síntese.

A geografia é, por conseguinte, essencialmente relações. Existe grande variedade de conjugados de relações: relações entre a morfologia e o clima, entre a morfologia e a estrutura, entre a morfologia e a história geológica, entre o clima e a vegetação, entre o clima e os solos, entre o clima e o meio biológico, relações, afinal de contas, entre o meio físico e o homem, entre os elementos físicos e os elementos humanos da paisagem.

||

A essas relações é que tencionava conságrar hoje minha atenção pelo fato de que me parecem ser, dentre tôdas as relações geográficas, as mais sutis e as mais delicadas, como também por revestirem importância capital. Não digo tal coisa por um antropomorfismo inconsciente, senão porque é a expressão de meu convencimento. Nas paisagens que temos de estudar os elementos humanos são de interêsse essencial, quer se trate de elementos visíveis como os campos, as estradas ou as casas, quer dos elementos não aparentes como a transformação da vegetação pretensamente natural, do meio biológico e dos solos. Estou em que a "geografia humana" não é um capítulo a acrescentar em continuação aos capítulos destinados à geografia física; acho que a geografia não é uma enciclopédia; não a concebo como um dêsses amontoados covalinos em que os "polipiers" se amalgamam simplesmente uns aos outros. No meu entender a geografia humana acha-se profundamente vinculada à geografia. É fácil decidir do mérito de uma obra de geografia regional; se se compõe de uma sucessão de ca-

pítulos isolados, sendo cada elemento das paisagens tratado de per si, sem a preocupação dominante de estudar as relações dêste elemento com os demais, neste caso temos um bom, um excelente dicionário que seja, mas não uma obra geográfica; nada influi que cada um dêesses capítulos seja tão bom como se fôra tratado pelo especialista mais competente.

O problema das relações entre os elementos físicos e os elementos humanos das paisagens parece-me portanto revestir interêsse capital para a geografia. Tal problema, é de crer, tenha sido geralmente mal colocado. Não será exagêro dizer que as tentativas feitas no decurso de séculos para explicar os elementos humanos das paisagens pelo meio físico, pela sua ação determinante, malograram de todo. A história da ciência geográfica acha-se, desde os pensadores gregos, referta de ensaios desastrosos feitos para explicar o homem e as manifestações de sua atividade pela ação simples e direta das condições físicas. Sem embargo dos reveses retumbantes de Hipócrates, de Montesquieu e de tantos outros conservamos íntegra dentro em nós a ilusão de que o meio físico determina o homem. Por um vêzo natural da nossa inteligência aplicamo-nos em descobrir, entre os fatos físicos e os fatos humanos, relações de causa e efeito. Se não advertirmos bem, se nos deixarmos discorrer livremente sôbre coisas de que não temos conhecimento seguro, facilmente cairemos no êrro determinista e conviremos precipitadamente em estabelecer relações de causa e efeito que um exame mais aprofundado da realidade não permitiria sustentar. Em suma, a tendência do espírito humano é para a simplificação, para o estabelecimento de relações simples entre dois têrmos. Ora, a

geografia não se compadece com tal simplicidade e as relações a descobrir são talvez, como veremos, relações entre três t \acute{e} rmos, ao menos, sendo um d \acute{e} les a civiliza \acute{c} o.

Os ge \acute{o} grafos defendem-se muito bem contra o excesso simplificador. Concorre a benefici \acute{a} los dupla prote \acute{c} o; com efeito, por um lado constitui ser preocupa \acute{c} o principal, estudar as rela \acute{c} oes que se estabeleceram entre os elementos da paisagem; sua cogita \acute{c} o s \acute{o} b \acute{r} e as aludidas rela \acute{c} oes figura no primeiro plano, \acute{e} o primeiro movimento do seu pensamento. Os ge \acute{o} grafos mostram-se, portanto, profissionalmente desconfiados ao se lhes deparar uma rela \acute{c} o simples de causa e efeito entre o f \acute{i} sico e o humano. Por outro lado, a geografia geral \acute{e} a consci \acute{e} ncia universal dos ge \acute{o} grafos. T \acute{o} da rela \acute{c} o descoberta localmente e que se n \acute{a} o repete alhures nas mesmas condi \acute{c} oes f \acute{i} sicas no plan \acute{e} ta, \acute{e} recebida com suspei \acute{c} o. Sem embargo da dupla garantia do seu esp \acute{i} rito cr \acute{i} tico pessoal e da geografia geral, os ge \acute{o} grafos sucumbem, \acute{a} s v \acute{e} zes, \acute{a} s vertiginosas del \acute{i} cias do determinismo. Li, recentemente, sa \acute{i} do da pena de um ge \acute{o} grafo em \acute{e} rito, que o clima tornara os habitantes do Ceil \acute{a} o indolentes e que, gra \acute{c} as a \acute{e} ste fato, podiam \acute{e} les suportar pacientemente, horas a fio, as pr \acute{a} ticas dos religiosos budistas. Haveria, \acute{a} conclus \acute{a} o, uma rela \acute{c} o patente entre o clima do Ceil \acute{a} o e os ritos budistas.

Consoante o mesmo ge \acute{o} grafo, os senegaleses, por efeito do clima \acute{u} mido e quente, cantariam e assobiariam pouco; ao passo que os climas secos compeli \acute{r} iam a cantar. Minhas primeiras impress \acute{o} es do Brasil n \acute{a} o confirmam tal asserto; por outro lado, vim a saber que um governador americano da ilha de 'Guam, de clima quente e \acute{u} mido, avisara-se de tomar uma ordenan \acute{c} a para impedir seus administradores de assobiar, tanto lhe exasperavam suas incessantes modula \acute{c} oes.

Se os ge \acute{o} grafos se deixam levar a

tais descaminhos, que dizer dos não-geógrafos que, como leigos, tratam do problema das relações entre o físico e o humano? Lembra-me aquêlo geólogo que, após magnífica exposição da geologia da Bacia Parisiense, partindo da disposição das camadas geológicas, concluía pela necessidade da existência de Paris no exato local em que se ergue esta cidade. E que pensar dos políticos? Não se lê no Jornal Político de CIANO que MUSSOLINI projetava reflorestar os Apeninos no intuito de infundir espírito belicoso no povo italiano, o qual, na sua sabedoria, relutava em deixar-se arrastar pelas paixões guerreiras do fascismo? Com efeito, para MUSSOLINI, o reflorestamento dos Apeninos deveria produzir um clima mais frio, mais chuvoso, mais nevoso e, conseqüentemente, um povo mais combativo.

IV

Mas retornemos às coisas sérias. De modo geral, parece-me vão tentar explicar os elementos humanos da paisagem diretamente pelo meio físico. Mau método é êste, que não leva senão ao malôgro. Acima de tudo, nos resguardemos, como da peste, de pretender explicar o comportamento dos homens pelo meio físico. Deixemos os fisiologistas discutir a perder de vista, sem resultados certos, a influência exercida diretamente pelo calor e pela umidade sôbre o organismo humano. Tais fatos são muito mesquinhos e outro tanto discutíveis para marcarem uma grande influência geográfica e que tenhamos de levar em conta.

Não sei se os climas quentes e úmidos deprimem os homens e se os climas frios lhes exaltam a vitalidade; pessoalmente, cederia à tendência de não acreditar no que não está provado, vale dizer, que me não parece tenha o clima tropical ação deprimente. O

exemplo da atividade brasileira ajudar-me-ia a consolidar esta convicção. A influência direta do clima tropical sobre o homem é, em todo caso, de escassa importância ante os efeitos da insalubridade, da fragilidade dos solos, e das insuficiências das civilizações tropicais indígenas. Será um meio insular capaz de exercer ação sobre os homens? Talvez, mas contanto que se reconheça a extrema variedade da natureza desta ação. Isto porque há meios insulares em que se conservam formas arcaicas como a Sardenha e ilhas que, pelo contrário, estão abertas a tôdas as correntes, assim a antiga Delos. Haverá litorais "bons" e "maus". Nenhuma regra geral pode ser seguida neste particular. E que diferença existe entre a montanha utilizada pela civilização européia e a montanha desprezada pela civilização chinesa! Cada progresso do conhecimento restringe o domínio do determinismo legítimo. Durante muito tempo perfilhamos a crença de que as extensões de Loess da Europa Central haviam servido de vias de penetração na Europa das civilizações pré-históricas, porquanto êste Loess era naturalmente descoberto; agora cumpre mudar a solfa, pois há grandes probabilidades de ter sido enflorestado; seu desbravamento foi muito provavelmente obra do homem. Os Vikings da Groenlândia não foram exterminados pelo clima, foram-no, isto sim, por sua civilização, que não lhes permitia levar uma existência isolada sob o clima groenlandês ao passo que os esquimós estavam afeitos a tal existência. Quanto às florestas, que ação exercerão sobre os homens? É para êstes tão fácil destruí-las! Ninguém aqui ignora o quanto é fácil para os homens, querendo-o e mediante uma dose modesta de senso de consequência, suprimir a floresta. Bem entendido, não venho vangloriar-me de haver descoberto estas verdades tristemente banais; há algumas décadas os geógrafos renunciaram ao determinismo diante dos desmentidos que a observação dos fatos lhes infligia.

Existem, não obstante, relações entre o meio físico e os elementos humanos. Não me parece que o termo interdependência sirva para caracterizar plenamente a natureza dessas relações, dado o perigo que oferece de significar que os fatos físicos e humanos se encontram numa dependência natural, que a observação mal confirma. A denominação "possibilismo" também representa uma tentativa no sentido de definir a natureza das relações entre a geografia física e a humana. Os homens não exploram tôdas as possibilidades naturais; grupos humanos exploram certas possibilidades; outros grupos, colocados nas mesmas condições físicas, exploram outras possibilidades.

Expressa em termos que tais a noção de possibilismo concorda com o real. É certo que todos os grupos humanos não exploram do mesmo modo as possibilidades naturais. Mas até aí temos uma verificação e não uma explicação.

As dificuldades da explicação geográfica ressaltam logo, à primeira vista, como consideráveis. Todavia, os obstáculos se prendem na realidade ao fato de ser problema, frequentemente, mal colocado. Por que os países quentes e chuvosos geralmente se acham muito pouco povoados ao passo que a Ásia Meridional contém populações pululantes? O meio físico natural não nos pode oferecer explicação satisfatória. Por outra parte não nos será de melhor préstimo o possibilismo, visto como o que extrema os países pouco povoados das regiões de população densa, é uma diferença de intensidade das técnicas e não de escolhas diferentes entre possibilidades naturais.

VI

Eis-me destarte chegado ao meu tema essencial: a explicação geográfica não deve consistir na relação entre dois termos armada - um constituído pelos elementos físicos e outro pelos elementos humanos - mas deve procurar-se no confronto de três categorias de dados que são os elementos físicos, a civilização, e os elementos humanos. "Por civilização" entendo unicamente o que é diretamente útil ao geógrafo, isto é, de início, as técnicas de exploração da natureza, técnicas agrícolas e técnicas industriais e, em seguida, a maior ou menor aptidão para a organização do espaço. Os elementos humanos da paisagem não podem ser explicados sem se levar em conta as técnicas mais ou menos variadas e mais ou menos aperfeiçoadas; por outro lado não serão os mesmos no caso de uma civilização que não tenha elevado sua capacidade organizadora acima do território dum vilarejo e no caso duma civilização criadora de um império.

Certamente há outros capítulos na civilização mas nos limitamos ao que se mostra mais diretamente útil à geografia. Será vão querer explicar a civilização, quer emprestemos à palavra acepção larga ou restrita pela ação do quadro físico, fixado em nossas pesquisas regionais. É impossível dar-se conta da civilização que reina numa região pela influência da geografia física desta região.

A civilização é o produto de muitas trocas resultantes dos deslocamentos dos povos ou dos contágios de pensamento e técnicas, é o produto de muito processo de psicologia individual e coletiva para que seja lícito fazê-la derivar do meio físico local. O geógrafo considerará, portanto, a civilização como fator de explicação, como um dado exterior a seu próprio domí-

nio de pesquisas. Ele a tornará como é, sem se importar de explicá-la pelo quadro físico onde provisoriamente se exerce.

O homem utiliza, portanto, o meio físico mas por intermédio de uma certa civilização. Os elementos físicos exercem inegavelmente uma ação sobre os elementos humanos, mas essa se cõa através dos prismas deformados da civilização. Esta é a chave que abre ao homem certas possibilidades, mas que pode perfeitamente ser incapaz de dar-lhe acesso a outras possibilidades. Que uma civilização se substitua por outra e o mesmo quadro físico ostentará uma geografia humana diferente.

Uma civilização coloca assim entre as mãos dos homens técnicas que permitem explorar somente certas possibilidades naturais e explorá-las de uma certa forma. Uma civilização pressupõe, portanto, escolha entre possibilidades naturais. Nota-se bem, não damos a esta palavra "escolha" o sentido de uma ação consciente e voluntária, mas simplesmente valor de indeterminação original. Todavia a escolha feita por uma civilização pode acarretar conseqüências lógicas capazes de impedir uma civilização de desviar-se da vida adotada! Pode existir um verdadeiro determinismo de civilização que oriente para um mesmo resultado humano as possibilidades diversas de meios físicos diferentes.

Vã, por conseguinte, é a tarefa de pretender explicar diretamente os elementos humanos pelos elementos físicos da paisagem.

Não monta a menos para a geografia humana a necessidade de permanecer estreitamente ligada à geografia física, que só ela permite conhecer os quadros em que se exerceu tal qual civilização. O meio físico atua sobre o homem, mas, enquanto são infrutíferas as tentativas de ligação direta entre o quadro físico e os fatos humanos, fazendo medear entre êles a civiliza-

ção, capacitamo-nos a definir, com propriedade a natureza das relações entre os elementos humanos e os físicos. Não somos dos que rebaixam a ação do meio físico e demos a êste, lugar relevante na explicação da geografia geral dos países tropicais; sublinhamos o papel imenso que se deve atribuir à insalubridade e à qualidade má dos solos; mas êste mesmo fato nos demonstrou que, num quadro físico tão caracterizado, técnicas diferentes se resolviam em paisagens humanas opostas, tão opostas como as solidões da bacia congolesa ou amazônica e as planícies pululantes de Java ou de Bengala.

VII

Desejaria agora ilustrar essas considerações um pouco teóricas com o exemplo da "civilização do vegetal", como existe no Extremo Oriente e, de modo muito particular, na China. Sendo-me o tempo estritamente limitado, tratarei a questão apenas em suas linhas mestras. A civilização chinesa caracteriza bem uma "civilização do vegetal"; a vida material da China repousa na utilização dos recursos do mundo vegetal, ao passo que os recursos animais e minerais são desprezados. Demonstram-no, de maneira rigorosa, a alimentação, o trabalho de instrumentos e a habilitação. Os chineses são vegetarianos; 9 890 de suas calorias alimentares provêm de produtos vegetais. Bem entendido, os cereais e os tubérculos fornecem os hidratos de carbono; mas o reino vegetal ministra também quase tôdas as proteínas e quase tôdas as matérias gordurosas. Os campônios chineses não comem nunca queijo, manteiga ou leite; raramente, comem carne e, ao contrário de uma lenda habitualmente difundida, consomem pouco peixe. De passagem, notemos que a carência de proteínas animais não parece afetar o vigor do povo chinês.

A criação é, portanto, pouco desenvolvida. Os camponeses possuem os bois ou os búfalos, estritamente necessários à lavoura e à gradadura, não lhes cobrando, porém, muita ajuda além dessas vultosas tarefas. Esses animais não trabalham mais de uns cinqüenta dias por ano. É habitual ver-se, ao sul e ao centro da China, os búfalos espojarem-se nos charcos enquanto os homens se afadigam a transportar pesadas cargas. Não faltam, aliás, vilarejos que não possuam bois nem búfalos e onde a faina agrícola se faz inteiramente a mão, sem nenhuma participação animal.

Alimentação vegetariana, trabalho agrícola a braço isto faz parte dum complexo de civilização. Os chineses vestem-se de tecidos vegetais, mormente de algodão, não obstante o rigor dos invernos; utilizam uma capa de chuva feita de fôlhas imbricadas ou de palha. A casa chinesa é construída essencialmente de materiais vegetais. A armação é constituída de colunas de madeira que suportam um vigamento também de madeira. Tais elementos são ligados uns aos outros por meio de encaixes, cavilhas, ao invés de o serem por pregos e parafusos. As paredes não são senão uma tapagem e seu material não tem importância, pois não participam da estrutura do edifício. Os utensílios chineses são feitos principalmente de materiais vegetais, tendo lugar preponderante os instrumentos de bambu.

VIII

Os traços principais da Geografia Humana da China são a densidade fortíssima da população rural e a concentração desta população nas planícies aluviais e nos vales. Enquanto nas planícies aluviais a densidade da população rural excede não raro 500 habi-

tantes por quilômetro quadrado, passa esta a ser muito parca nas regiões de montanhas e colinas.

Existe um liame entre a "civilização do vegetal" e a geografia humana da China? Evidentemente que sim. Só a civilização vegetal nos permite compreender: 1º) por que os prados são raros na China e por que as montanhas são mal utilizadas, visto como a exploração pastoril que aí encontraria lugar próprio não é praticada e 2º) por que a densidade rural pode ser tão importante nas planícies. Com efeito, graças a uma alimentação vegetariana, os camponeses chineses podem tirar a subsistência de suas terras exíguas. Cultivado com cereais diretamente consumidos pelo homem, um hectare produz pelo menos cinco vezes mais calorias alimentares do que sendo convertido em campo de pasto para um rebanho que dá aos homens sua carne e seu leite. A vantagem da alimentação vegetariana subsiste se o grão colhido é utilizado para a sustentação do gado. As massas rurais chinesas não teriam proliferado tanto se dessem uma larga margem aos alimentos de origem animal. Observamos, por outro lado, que a agricultura a braço suscita fortes densidades rurais.

Duas questões, todavia, se colocam neste ponto: não foi o meio físico que obrigou os chineses a adotarem uma civilização do vegetal? Por outro lado, não se viram êstes compelidos a adotar uma alimentação vegetariana justamente por serem muito numerosos? Essas questões devem ser aventadas mas é felizmente fácil achar-lhes resposta. Em primeiro lugar, é bastante observar que nada mais se assemelha à China do que o centro e o leste dos Estados Unidos; são frisantes as afinidades dos climas chineses e dos desta parte da América.

Isto se estampa nas vegetações dos dois países: o leste dos Estados Unidos e a China são assinalados pelo grande número de suas espécies arbores-

centes e pelo aspecto luxuriante, quase tropical de suas florestas. Não há mister de insistir sobre as diferenças que existem entre a geografia humana da China e dos Estados Unidos. Isto não quer dizer, bem entendido, que não devemos estudar atentamente a geografia física da China mas nos devemos compenetrar da idéia de que, se nos cumpre saber tudo que fôr possível sobre a base física da China, não devemos entretanto acreditar que o meio físico explique a originalidade geográfica chinesa.

A segunda questão é ainda mais fácil responder. Com efeito não há dificuldade em demonstrar que não foi pelo fato de, se muito numerosos e em terras demasiado exíguas, que os chineses adotaram uma alimentação vegetariana. Já a civilização neolítica chinesa era agrícola e tão pouco pastoril quanto possível.

Mas, sobretudo, existem ainda nas costas sub-orientais da China populações que nos fornecem provas decisivas. Tais populações são parentes retardados do povo chinês; pouco densas, nada, por conseguinte, as impedia de praticar a criação do gado graúdo e de nutrir-se de alimentos animais. Não obstante, tornaram-se de todo em todo agrícolas e têm um passado vegetariano. É prova provada que na China o fato civilização precedeu o fato demográfico.

IX

Os chineses são, portanto, vegetarianos por opção original de sua civilização e não por necessidade física ou econômica. Mas é preciso ver que a aplicação lógica e rigorosa dos dados desta civilização os conduziu a uma situação irreversível; seis, oito ou dez campônios podem lograr a subsistência num hectare; a partir de quando atingem tais densidades, é-lhes

vedado modificar a alimentação e a maneira de viver. Vêem-se, assim, por um verdadeiro determinismo de civilização, forçados a perseverar na via que êste lhes traçou.

Como todos os grandes complexos de explicação geográfica, a "civilização do vegetal" de tipo chinês exerce sua ação na paisagem em condições físicas variadas. Atinge resultados semelhantes em meios físicos diferentes, por isso que deriva no sentido que lhe são próprias as virtualidades dêsses diversos meios. Exemplificativamente, a civilização chinesa foi ensinada do povo anamita por uma ocupação de dez séculos; a geografia humana dos países anamitas assumiu um caráter semelhante às das regiões chinesas. As planícies aluviais têm uma população rural muito densa, em meio a montanhas inexploradas e quase desertas. Esta paisagem foi realizada não mais num clima temperado continental de monções, e sim num clima muito quente e muito chuvoso. Se me posso valer desta expressão, a civilização chinesa tirou o melhor partido das condições locais para chegar a seus fins; por exemplo, explorou o contraste que se estabeleceu entre a insalubridade malárica das montanhas e a relativa salubridade das planícies para atingir um contraste ainda mais marcado que na China entre o pululamento das planícies e a solidão das montanhas. Graças à civilização das montanhas. Graças à civilização, causas diferentes produziram os mesmos efeitos.

X

O que dissemos da civilização do vegetal aplica-se, com as modificações necessárias, às outras civilizações. Falece-me tempo para entrar em minúcias; contentar-me-ei, portanto, com lembrar-vos de um fato que todos sabeis e é o de quanto a paisagem das

regiões pioneiras depende da "civilização" dos pioneiros, isto é, de suas técnicas de exploração da natureza. Sabemos, por exemplo, que os canadenses de origem francesa e os de origem anglo-saxã não conhecem os mesmos limites para seus empreendimentos pioneiros, tendo os primeiros menos exigências que os segundos; e sabemos que não engendram a mesma paisagem: Não ignoramos o quanto são importantes êsses fatores de civilização para explicar a geografia humana do Brasil, quer se trate das "civilizações" de importação recente, quer da civilização luso-brasileira, ou dos complexos nascidos da interação dessas civilizações.

Não tenho ilusões sôbre a novidade do que vos acabo de expor; todos nós, geógrafos, já teremos chegado a conclusões semelhantes. Dar-me-ei por satisfeito se pude atrair-vos a atenção, mais particularmente, sôbre a verdadeira natureza da explicação geográfica total das paisagens, isto é, sôbre a necessidade que se nos impõe de reconhecer nela a parte decisiva desempenhada, entre o meio físico e os elementos humanos, pela civilização. Permitir-me-ei lembrar-vos, para concluir, a importância prática dessas considerações. Verificamos grandes desigualdades de níveis de vida no mundo; por tal entendo grandes desigualdades "geográficas", que extremam regiões de baixo nível de vida e regiões de nível de vida elevado. Se quisermos um mundo verdadeiramente unido, importa que essas diferenças se atenuem até desaparecer e, por demais, graças a um nivelamento do alto. Nada de decisivo, porém, poderá ser realizado se não vemos claramente que essas diferenças procedem antes de tudo da civilização e que a responsabilidade do meio físico não é senão uma responsabilidade de segundo plano. É por conseguinte sôbre êsse plano da civilização que deve recair o esforço dos homens de boa vontade. E aqui temos, em suma, uma constatação bastante consoladora.

- FIM.



JOÃO RIBEIRO

Notas de um Estudante

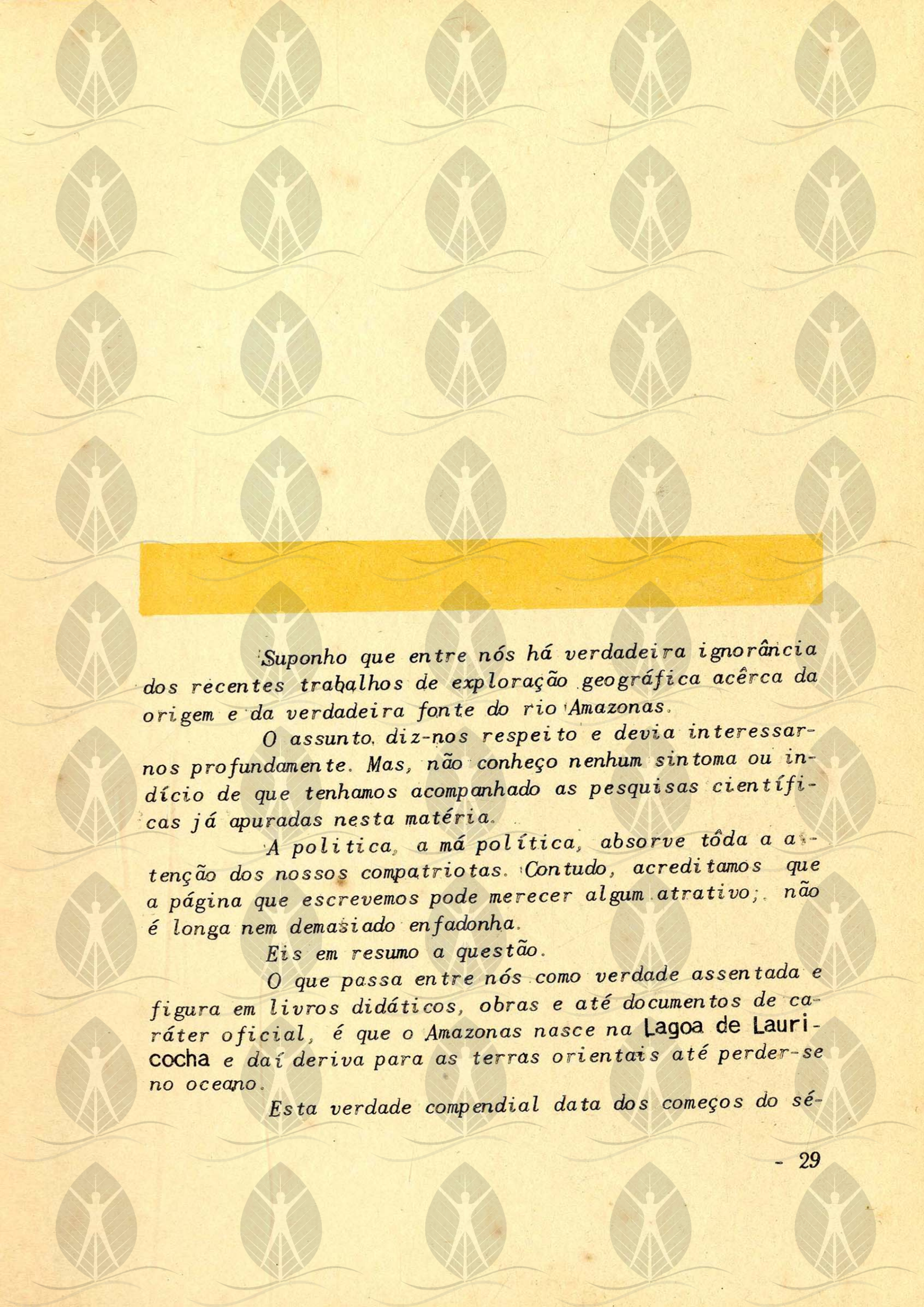
ESTUDOS NACIONAIS E APONTAMENTOS DE ORIGEM
ALEMÃ. NOTAS DE HISTÓRIA, DE ARTE E DE CIÊNCIA



Edição de "REVISTA DO BRASIL" — MONTENEGRO LOURADO
& C. — EDITORES — Rua Sta. Epifânia, 3. A. — S. PAULO

AS VERDADEIRAS FONTES DO RIO AMAZONAS





Suponho que entre nós há verdadeira ignorância dos recentes trabalhos de exploração geográfica acêrca da origem e da verdadeira fonte do rio Amazonas.

O assunto, diz-nos respeito e devia interessar-nos profundamente. Mas, não conheço nenhum sintoma ou indício de que tenhamos acompanhado as pesquisas científicas já apuradas nesta matéria.

A politica, a má política, absorve tôda a atenção dos nossos compatriotas. Contudo, acreditamos que a página que escrevemos pode merecer algum atrativo; não é longa nem demasiado enfadonha.

Eis em resumo a questão.

O que passa entre nós como verdade assentada e figura em livros didáticos, obras e até documentos de caráter oficial, é que o Amazonas nasce na Lagoa de Lauricocha e daí deriva para as terras orientais até perder-se no oceano.

Esta verdade compendial data dos começos do sé-

culo XVIII e foi vulgarizada pelos jesuítas por intermédio das *Lettres édifiantes* que resumiam naquele século, e em língua francesa, os trabalhos dos missionários. Realmente, pelos fins do século anterior, os padres Richler e Samuel Fritz fixaram a sua assistência espiritual em Quito, no Equador. Daí é que Samuel Fritz percorreu o grande rio *Marañon*, no serviço da catequese, desceu o Solimões, foi prêso como espião no território português e depois remontando o curso do *Marañon* veio a dar já nas terras do Peru com a Lagoa Lauricocha que assentou ser a origem extrema do grande rio. Samuel Fritz traçou um grande mapa e escreveu uma relação da viagem; o mapa, de grandes dimensões, foi depois reduzido por outro padre, Juan de Narvaez. Um *raccourci* desta redução e um resumo imperfeito do que escrevera Samuel Fritz vieram a figurar nos extratos das *Lettres édifiantes* no tomo XII.

Eis aí a origem dessa verdade imperfeita e convencional desde os começos do século XVIII, a qual ainda figura em todos os livros didáticos.

O conhecimento das regiões andinas, e dos seus vales e declives, foi-se pouco a pouco completando e veio abalar profundamente a afirmativa daquele missionário. Réconheceu-se dentro em pouco tempo que havia entre os supostos tributários do *Marañon* alguns rios de curso mais extenso, e desde o momento o rio Ucaiale começou a figurar ao lado do antigo *Marañon* a disputar-lhe a precedência.

Era isto a confirmação do que havia dito com grande sagacidade ou por espírito divinatório, o cronista Garcilasso que sustentava ser o *Apurimac* o verdadeiro rio das Amazonas. O *Apurimac* era um dos galhos do Ucaiale.

Para resumir, havia, no século XIX, duas opi-

niões, mais ou menos imperfeitamente assentadas, uma, a de que o rio Amazonas era o **Marañon** e outra, a de que era o Ucaiale o rio principal.

Nos fins do século passado dedicou-se o grande geógrafo e naturalista italiano, milanês Antônio Raimondi a várias explorações científicas durante quarenta anos e começou a publicar a sua obra colossal **El Peru** de que existem o **Atlas**, e os volumes de texto publicados até a sua morte (1890).

As explorações de Raimondi foram feitas e limitadas á região do **Marañon**; e a sua descoberta principal é que o rio Nupe é o braço mais extenso do sistema e conseqüentemente é a fonte do Amazonas, situada assim no departamento de Huanaco.

Como se vê, esta descoberta implica apenas a da verdadeira origem do **Marañon**. Restava ainda verificar a extensão do curso do Ucaiale.

Aqui é que começam os trabalhos mais recentes do famoso viajante e arqueólogo americano Squires, que, tendo recebido do govêrno peruano a incumbência de verificar estas e outras dúvidas, com a colaboração da Sociedade Geográfica de Lima, instituiu uma série de pesquisas interessantes. Squires chegou á conclusão de que a fonte do Amazonas devia achar-se na região de **La Raya**, nos Andes, nos confins meridionais da República e que provavelmente o rio extremo, cuja cabeceira falta determinar, era o **Vilcanota**.

Os resultados, pois, a que se havia chegado era que o Amazonas derivava do **Vilcanota**, que recebe o **Apurimac** e depois o Ucaiale. Como se vê o êrro consistia em considerar principais os rios que eram meros afluentes; o mais extenso dêles era o **Vilcanota** e conseqüentemente o rio principal.

Destarte, caía por terra a origem marcada no Nupe ou **Marañon**, pois que o **Vilcanota** começa de muito mais longe na região extrema meridional do Peru.

Havia, porém, uma tarefa de importância a realizar e era de explorar *in loco* as cabeceiras do grande rio e descobrir o seu primeiro e mesquinho curso no planalto de La Raya.

Para êsse fim, J. Campbell Besley, com três companheiros, organizou uma expedição anglo-americana, que se propunha a achar o primeiro fio d'água do Amazonas e seguí-lo até a sua embocadura no Atlântico. Essa expedição, através de mil dificuldades, por terras inóspitas e povoadas, selvagens ou inteiramente desertas, vingou alcançar o seu objetivo com inteiro êxito.

Tomaram os expedicionários o ferro-carril del Sur em Mollendo e chegaram á base de operações determinada por Squires. Aí remontaram a pequena corrente do Vilcanota, e, montados em llamas e acompanhados de índios da região, chegaram até as faldas do Curunani, eternamente coberto de neves. Galgaram as encostas até o *divortium aquarum*, que inclina os seus três declives: para o Pacífico, para o lago Titicaca e para a região da montanha ou amazônica. No Peru e Bolívia chamam *montaña*, paradoxalmente, as regiões de descida, para o Atlântico, as quais se caracterizam pelas suas florestas em oposição á pobreza do solo do planalto andino.

Ao cabo de uma semana, o capitão Besley, verificados os cursos do Pulpera da vertente do Pacífico e do Pucara que corre para o lago Titicaca, e que não têm origem comum, reduziu as suas explorações ao curso do Vilcanota, e dividiu os expedicionários em várias partidas, que bateram os terrenos próximos.

Uma dessas colunas trouxe a verdade esperada. Algumas poças d'água tranquilas como as de um pântano, e alimentadas pelo degêlo do Telhado do Mundo, (o Roof of the World) representam o começo do rio gigantesco. Estas

águas só ao cabo de algumas centenas de metros começam a desenhar o friso característico de que acharam o seu declive; é o seepage, o primeiro sinal de escape da lagoa, o sangradouro, o rio enfim.

Assim devemos aos trabalhos de Squires e ao comandante C. Beslau a determinação das fontes do rio Amazonas.

É de crer que não continuemos a repetir nos livros, compêndios e documentos oficiais, a velha e antiquada origem do grande rio na lagoa de Lauricocha, segundo as observações imperfeitas e antiquadas do jesuíta Samuel Fritz, do século XVIII.

Pareceu-me interessante essa vulgarização porque a suponho inteiramente desconhecida dos nossos compatriotas.

Os resultados gerais podem resumir-se nas seguintes constatações:

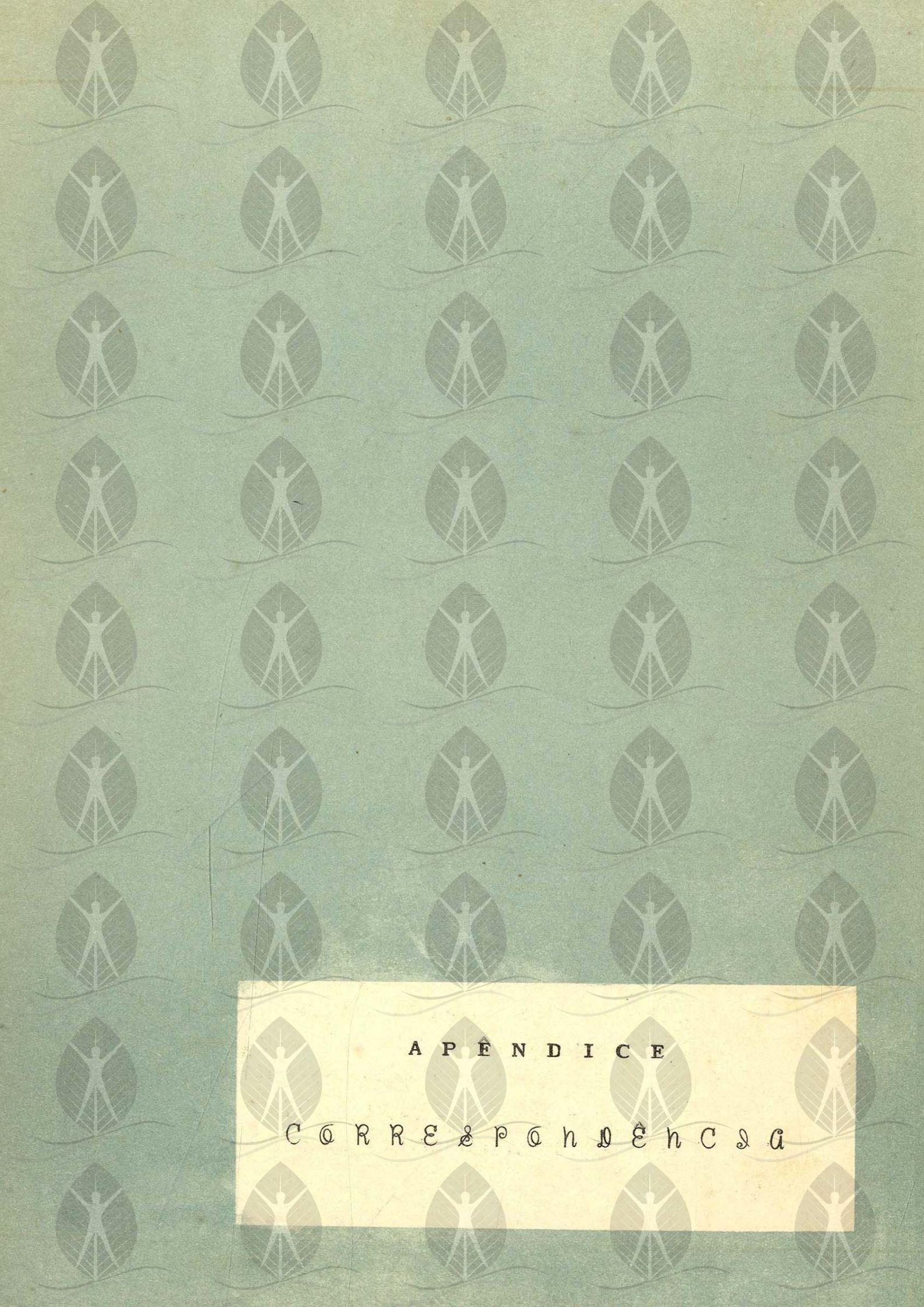
O Vilcanota é o rio e o nome que deve substituir o Ucaiale das cartas geográficas.

O Nupe é o rio e o nome que deve ser dado ao Marañon.

As cabeceiras do Vilcanota ou do Amazonas jazem ao sopé do chamado terraço ou "telhado do mundo", Roof of World, na região andina de La Raya. (1916)

FIM





A P Ê N D I C E

C O R R E S P O N D Ê N C I A

Armas do Rio Grande do Norte
Universidade do Rio Grande do Norte
Faculdade de Direito

Natal

17-2-61 - Meu caro Clóvis Barbosa - Muito grato confirmo o recebimento das publicações da "Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia" e espero *la santa continuidad*, como dizia Eugenio D'Ors. Quanto tempo não ponho os olhos em cima de V... Desde de sua passagem para *faire le Rio*, numa aventura que foi sucesso real. Notícias, tenho-as sempre de suas vitórias, trabalhos, projeção. Acompanho com a natural simpatia do jagunço enlocado na taba, sabendo as aventuras felizes do companheiro afoito e tenaz. Estava, por coincidência, escrevendo umas linhas sôbre as várias formas da pesca amazônica, atualizando um velho *rocambole* em que trabalho há seis anos e anda como tracajá paralítico. No estudo sôbre PESCA, andei citando o que sabia e que não é muito. Uma sugestão confidencial e clandestina: Como estão republicando Euclides da Cunha, por que não restituir à circulação aquele ensaio saboroso e, como dizia Monteiro Lobato, *ináchavel*, que José Veríssimo publicou na revista do Instituto Histórico Brasileiro? É informação preciosa, seu Clóvis! "Populações indígenas e mestiças da Amazônia", tomo-50, vols-74-75... 1887! Tem coisa pouco conhecida e útil. Creio que a família não se opora, bem ao contrário. Bem. Estou escrevendo muito. Uma lembrança cordial para você dêste seu (a) Luís da Câmara Cascudo.

377 - Av. Junqueira Aires - Natal. RN.

REVISTA TRIMENSAL
DO
INSTITUTO HISTORICO

E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECCÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO L

2º FOLHETO DE 1887

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.



RIO DE JANEIRO

Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor
de LAEMMERT & C., rua dos Invalidos, 71
1887

As populações indígenas e mestiças da
Amazonia*

Sua linguagem, suas crenças e seus costumes

I

Tapuios e seus descendentes

A America é o vastissimo cadiño em que se fundem hoje as diversas raças e gentes do globo. Porventura sua missão historica é dar, servindo de campo para o cruzamento de todas ellas, unidade ethnica á humanidade, e, portanto, nova face ás sociedades que hão de viver no futuro. Amplissimo terreiro aberto ás ambições de todo o genero, o Novo Mundo, rompendo com os velhos preconceitos das sociedades tradicionaes da Europa, toma tambem no caminho da civilisação uma direcção nova, deixando atraz de si a Asia e suas antiquissimas civilisações e a Africa e sua secular barbaria.

O Brazil vae pela mesma estrada, e aqui, como em todo o continente, os povos e as raças mesclam-se, fazendo

* Este trabalho, pequena contribuição para o estudo da psychologia do povo brasileiro, appareceu pela primeira vez sob o titulo de *As raças cruzadas do Pará*, nas *Primeiras paginas*, livro publicado pelo autor em 1878. Hoje sae não só muito augmentado e modificado, mas inteiramente refundido e correcto. E', por assim dizer, um trabalho novo.

Natal 7.X.38 - Prezado confrade Clóvis Barbosa -
Não tive o prazer de levar suas credenci-
ais ao prof. Álvaro de Las Casas. Agora,
voltando do Rio de Janeiro, encontrei seu
telegrama mas nosso hóspede dispensou-se
de visitar Natal e João Pessoa. Em Recife
deixou funda impressão e o grupo de "Fron-
teiras" rendeu-se enamorado d'ele e lhe vae
editar um livro. Seguiu para Maceió e daí
à Bahia. Não o cheguei a ver, o que lamen-
to. Muito agradeço seu amável convite e
sempre me considere um colaborador "in-
fieri" de A SELVA. Creia que muito me pe-
nhoraria dignando-se enviar-me uma fotogra-
fia do túmulo de Teodor Koch-Grunderg no
Cemitério de Manaus. Por minha sugestão,
a Federação das Academias de Letras soli-
citou ao interventor Álvaro Maia a trans-
ladação dos ossos de Koch, do alto rio
Branco para aí. Agora a viúva pede-me no-
tícias da sepultura, aspecto, estado atu-
al, posição. Ignoro tudo. Resta-me a fa-
culdade de bater-lhe à porta, pedindo de-
talhes. Reafirmo minha admiração pelo seu
trabalho, realizado em sorridente energia.
Manter uma revista cultural é uma gloriosa
afirmativa de heroísmo desinteressado e de
obstinação instintiva. Eu preferiria vir
procurar os ossos de FAWCETT... Já sabe
que me dá muita alegria em suas notícias e
que aqui me tem jubilosamente às suas or-
dens - Seu (a) LUIS DA CÂMARA CASCUDO -
Rua da Conceição, 565

FORTALEZA 27.XII.60 - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA -
UNIVERSIDADE DO CEARÁ - ESCOLA DE AGRONOMIA - Dr. Clovis
Barbosa - Escritório da Superintendência da Valorização
Econômica da Amazônia - Av. Franklin Roosevelt, 39 - 8º
andar - Esplanada do Castelo - RIO DE JANEIRO - Guanabara
Brasil - Prezado Senhor: O nosso comum amigo Dr. Orlando
de Almeida e Albuquerque, em carta a mim dirigida e data-
da em 20 do corrente mês, me comunicou que a Superinten-
dência da Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) ten-
ciona reeditar o livro do José Veríssimo, clássico do pon-
to de vista literário e técnico, intitulado "A PESCA NA
AMAZÔNIA". Na mesma carta, fiquei ciente da indicação do
meu nome para fazer os necessários comentários à obra,
com o objetivo de atualizá-la, além de redigir uma nota
introdutória. Não é preciso dizer a satisfação que isto
me causou. É uma honraria que marca definitivamente a
vida de qualquer brasileiro. Julgo esta iniciativa da
SPVEA de grande alcance. O livro em referência se encon-
tra inteiramente esgotado, sem que possa prestar aos bra-
sileiros dos dias que correm o suporte necessário para
que se entenda um dos campos fundamentais da problemática
da Amazônia, que é justamente a exploração dos seus re-
cursos aquáticos. Quem lhe escreve estas linhas, modesto
professor da Universidade do Ceará, já viveu na Amazônia,

sentindo o drama do homem contra a natureza. Tendo dirigido, em 1953 e comêço de 1954, a Fazenda Experimental de Gado Nelore, localizada em Fordlandia, botei dentro de mim um pouco daquela região, que tem persistido num desejo de contribuir de algum modo para o melhoramento da vida da gente simples que por lá habita. Depois disto, a minha especialização em assuntos de pesca, me faz considerar com agrado a incumbência para a qual meu nome foi lembrado. Penso que a melhor maneira de se efetivar a reedição projetada consistirá numa nota introdutória e comentários de rodapé, deixando o texto da obra na sua forma original. Assim, não será mutilado o valor literário que a mesma encerra. Fico aguardando uma resposta sôbre o assunto. Naturalmente V.S. fará uma proposta no tocante à remuneração pelo trabalho a executar. Quero lembrar apenas que não possuo o mencionado livro, conhecendo-o por leitura realizada no Rio de Janeiro. Por outro lado, julgo conveniente permanecer na Amazônia algumas semanas, revendo a região, visitando os centros mais ativos de pesca interior e consultando velhos documentos. Receba a certeza do meu aprêço e consideração. Atenciosamente,
(a) **MELQUIADES PINTO PAIVA**. Escola de Agronomia da Universidade do Ceará - Caixa Postal 354 - Fortaleza - Ceará - Brasil.

Compadre Cascudinho para Deus e o mundo. Ninguém mais útil e dado na cidade do Natal. Homenzarrão harmonioso em sete violas. Romancista, contista, historiador, etnógrafo, folclorista, crítico literário, jornalista. Seus livros esgotam-se. Mas diz-se enlocado, padecendo de literatura. Aconselha, ensina. A fonte aprofunda-se. Mais transparente ao longo da experiência. Mete-se por dentro de nossa índole. Pesquisa. Embala-se em *rêde-de-dormir* e em *jangada*. Reanima hábitos e tipos amadurecidos no gênio da raça. Viagem macia pelo real. Meu caro Luís da Câmara Cascudo: estamos esclarecendo que sua companhia é agradavelmente fácil. Pomar em terra devoluta. * Suas cartas curam artrite... Descortinam caminhos para inativos. Acoram as virtudes criadoras. Não se deve perder a voz em sociedade. Você compreende o silêncio dos gogos. E confraterniza, vacinado contra gafes. Não indaga pela eleição de quem não tem eleitorado. Nem pelo livro do confrade inédito. Honradamente inédito. "Escritor" afogado em mar de fichas mudas. Projetou o ensaio da época, caprichou demais e afunda com as ideias já caducas. Câmara Cascudo não corta amarras. Poeta! Rasteia, busca no infinito, aperta ao peito o velho companheiro de língua morta. Recheia saudades e, em estado de graça, o medalha pelo *real sucesso*. Por que não cultivar convívio tão bem-humorado? A distância enche a vista. * Manaus, 1924/43. Muita luta à esquerda do rio Negro. Periódicos e diários sucederam-se. Pau nos caciques. Caçadas com os medalhões literários. Ufanismo dinâmico. Clamávamos pelo desenvolvimento da região como problema nacional. Apresentávamos a Amazônia nua de lendas, de pitoresco. Sêres e coisas eram autênticos. E o homem, maior que a cobra Norato, em plena conquista do deserto. Foge o crente. O servidor público acaba a carreira - fora dos acontecimentos e da sua

provincia. JK não disparara as Metas. Amigo de capa e espada queria saber, por dever de ofício, se a SPVEA estava nos trilhos. O desenvolvimento na escala das necessidades. Operamos na zona subdesenvolvida, sob êsse ilustre comando, há uns 26 anos. *Fecunda é a fidelidade*. No fervor do retorno, o instinto reage com doce malícia, classificando fronteiras. Belém empolga o *continente* spveano. Com a superintendência dos serviços, o pormenor técnico, a política do planejamento. A gleba, no ânimo desenvolvimentista, é estimada em nossos cadernos do S/D. A paisagem e a máquina no espírito do tempo. Mas a divulgação de maior gabarito se faz bem no Pará. As verbas e os titulares lá estão. O nosso S/D, na Agência do Rio, é pobre em Canaã. Mera cabeça de ponte. Em equilíbrio através de meios mais esclarecidos. Procuram-no curiosos e catedráticos. Chovem cartas, pedindo-nos mapas, monografias, amostras de produtos. A Amazônia interessa. * Lançaremos a *coleção José Veríssimo*. Se a nossa *editôra* lograr sobreviver, em *la santa continuidad* - rotina que aumenta família. Você deunos corda. Vamos levar ao aprêço das novas gerações o homem e a obra. Em sua hierarquia moral e estética. Amplos aspectos de cultura, equidistantes da toga do crítico e historiador. Persuadido o novo chefe da SPVEA, bateremos à porta do marechal Ignácio José Veríssimo, cliente do S/D. Quais as dimensões do seu trabalho sobre pesca? Não se deve oferecer hospitalidade, amigo, em terra caída... * Intelectual carioca foi a Manaus fazer conferências. Vimos com êle a corografia do Baena, em linda encadernação. Pedimo-la por umas horas. Desconversou. Precisava de nossos préstimos. Passou-nos o livro, afinal. Ajuda. Palmas no Teatro Amazonas. Depois sumimos da cidade a serviço. Regressou O.P. na data prevista. Via Belem, *em gaiola*. Queria conferir *A Selva*, de Ferreira de Castro, pelo Baixo Amazonas. Descemos o *roadway* sob chuva. Iamos restituir a preciosidade. Precipitou-se, ao nosso encontro, no navio. Passamos-lhe o volume. Rápido, rasgou o papel que o envolvia. Correu-lhe as páginas com enlêvo. Iluminou-se. Tudo perfeito. E em tom confidencial, apertando o nosso braço, disse-nos: - fazia, meu caro, melhor juízo a seu respeito... * Conosco, emprestados, a velha Revista do Instituto Histórico, com o seu *achado*, e *A Pesca na Amazônia*, de Veríssimo, edição de 1895. * Cordialmente, seu CLOVIS BARBOSA - Praia de Botafogo, 290/3.

União dos Profissionais de Imprensa

Rua Sacadura Cabral, 43, 3º and. -Fone 43-8079

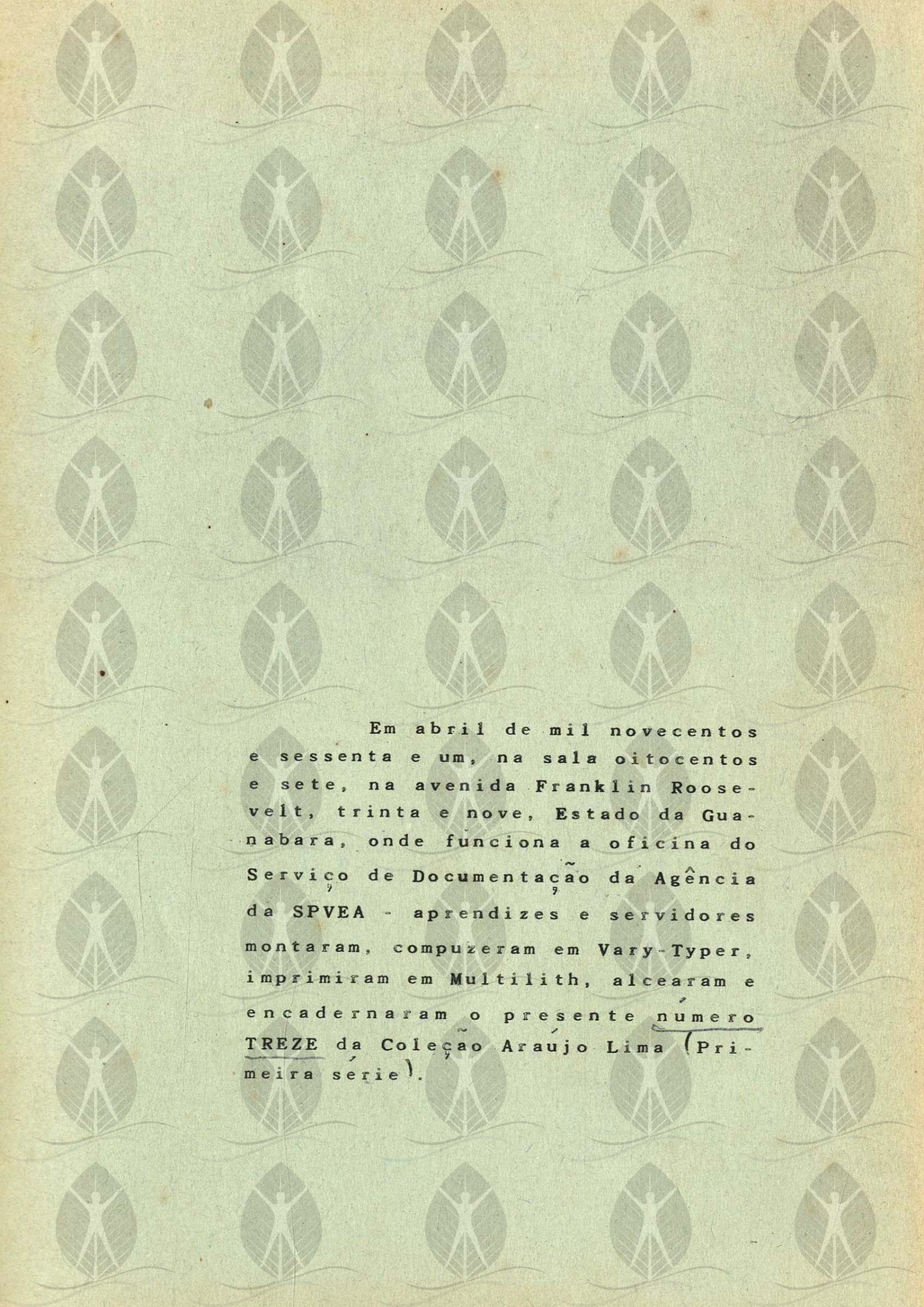
RIO DE
JANEIRO

3 de março de 1961 - Ilmº. Sr. Clovis Barbosa -
M.D. Diretor do Serviço de Documentação da SPVEA-
Prezado confrade: A União dos Profissionais de Im-
prensa, entidade que congrega em seu seio, indis-
tintamente, quantos prestam serviços aos órgãos
de divulgação, do reporter ao gráfico, vem congra-
tular-se com o ilustre diretor do Serviço de Do-
cumentação da Superintendência do Plano de Valori-
zação Econômica da Amazônia pelo excelente traba-
lho desenvolvido com a edição das séries Pedro
Teixeira e Araújo Lima, bem como com o preparo de
mapas, gráficos e informes relativos àquela rica
e esquecida região do país. Pelo seu valor, pelo
cuidado de seleção e de apresentação, tôdas as pu-
blicações dêste Serviço de Documentação precisam
figurar na biblioteca da UPI que funciona na pró-
pria sede social, à rua Sacadura Cabral 43, 3º an-
dar, pelo que, nesta oportunidade, solicitamos a
cessão dessas obras que um nosso portador irá bus-
car tão logo seja a isso autorizado. Igualmente
alguns mapas ou gráficos poderiam ser expostos
nas paredes de nossa entidade que possui ambito
nacional e ocupa todo um pavimento onde funciona,
tambem, sua Policlínica. Por último cabe-nos es-
clarecer que muito nos honraria inscrever o ilus-
tre e operoso confrade no nosso quadro social,
presidido pelo integro dr. Cristovam Breiner. Na
expectativa de qualquer pronunciamento nêsse sen-
tido, apresentamos-lhe nossas efusivas Saudações
Jornalísticas (a) Madeira de Mattos - Secretário

ÍNDICE

Páginas

- 2 Plantão
- 5/8 Depoimento - professor Arthur Cezar Ferreira Reis
- 9/25 A geografia e as civilizações - professor Pierre 'Gourou
- 27/33 As verdadeiras fontes do rio Amazonas (14º capítulo de NOTAS DE UM ESTUDANTE) - professor João Ribeiro
- 35/43 APENDICE. Documentário (Velha camaradagem. 'Garimpeiro de mão aberta. Preciosidade. Projeto em bom caminho. Ata da fácil tarefa. Estímulo para prosseguir).
- 36/38 Cartas do professor Luís da Câmara Cascudo.
- 37 'Grafoto. Rosto da "Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro" (2º folheto de 1887) e respectiva página 295, início do estudo AS POPULAÇÕES INDÍGENAS E MESTIÇAS DA AMAZONIA, de José Veríssimo.
- 39/40 Carta do professor Melquíades Pinto Paiva a propósito da oportunidade de nova edição de A PESCA NA AMAZONIA (1895), de Veríssimo.
- 41/42 Carta aberta - C.B.
- 43 Sim, página quarenta e três. Carta do jornalista Madeira de Mattos, da UPI
- 44 Índice



Em abril de mil novecentos e sessenta e um, na sala oitocentos e sete, na avenida Franklin Roosevelt, trinta e nove, Estado da Guanabara, onde funciona a oficina do Serviço de Documentação da Agência da SPVEA - aprendizes e servidores montaram, compuzeram em Vary-Typer, imprimiram em Multilith, alcearam e encadernaram o presente numero TREZE da Coleção Araujo Lima (Primeira série).



COLEÇÃO PEDRO TEIXEIRA

Direção de C. B.

- 1 - A Expansão Portuguesa na Amazônia nos Séculos XVII e XVIII --- ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS
- 2 - Estrada de Ferro Madeira Mamoré - JULIO NOGUEIRA
- 3 - O Rio Purus - EUCLYDES DA CUNHA
- 4 - Aspectos Econômicos da Dominação Lusitana na Amazônia - ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS

COLEÇÃO ARAÚJO LIMA

Direção de C. B.

- 1 - Economia da Produção - .. COSME FERREIRA FILHO
- 2 - As Metas do Governo e a Valorização da Amazônia - WALDIR BOUHD
- 3 - O Banco do Brasil na Economia do Amazonas - SAMUEL BENCHIMOL
- 4 - Características Agrárias da Amazônia - ... NEWTON PIRES DE AZEVEDO
- 5 - Conceito de Amazônia - EIDORFE MOREIRA
- 6 - Valorização da Amazônia e sua Comissão de Planejamento - SÓCRATES BONFIM
- 7 - O Problema de Colonização da Amazônia - ADRIANO MENEZES
- 8 - Navegação do Amazonas & Portos da Amazônia - ... AGNELLO BITTENCOURT
- 9 - Artigos de Jornal -
- 10 - Os Intérpretes da Amazônia - PÉRICLES MORAES
- 11 - A Conquista Acreana - ABGUAR BASTOS
- 12 - A Bacia do Mar Doce - ALBERTO RANGEL

NOVA SÉRIE

- 1 - Amazônia & Desenvolvimento - WALDIR BOUHD
- 2 - Aspecto Demográfico-Social da Amazônia Brasileira Pe. JOSÉ DE SOUSA BETTENCOURT
- 3 - Amazônia - o Conceito e a Paisagem EIDORFE MOREIRA
- 4 - Um Esboço da Vida Amazônica (no prelo) SÓCRATES BONFIM





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA